

O TRABALHADOR

SEMANÁRIO DO POVO

**OPERÁRIO,
ERGUE
A TUA FRONTE!**

O capitalismo liberal do século XIX reduziu o povo ao proletariado, com todo o cortejo de misérias que o acompanha: multidão de trabalhadores sem lar, sem família, sem pão suficiente, sem amor, sem instrução, sem futuro. Mas tudo isto ainda não é nada em comparação de outro crime maior e mais grave que o capitalismo cometeu: a escravização do espírito.

Depois de tudo roubar ao povo: a direcção do trabalho, o fruto do seu esforço, a independência, a liberdade, a alegria de viver, fez dele máquinas, mercadorias, animais de carga. Lêde a história do século XIX, a história económica e social do liberalismo, e vereis a escravização mais completa que existiu depois da escravatura.

Sujeito à tirania económica do capital durante gerações sucessivas, o operariado foi-se formando em si mesmo uma alma de escravo, essa alma de escravo que convinha à maravilha ao capitalismo liberal.

Formou-a, tem-na ainda hoje e nada poderá fazer de jeito para a sua libertação, para a conquista dos seus direitos, enquanto se não libertar dela.

Alma de escravo tem-na aquele que só anda a «chicote», que não trabalha senão sob o olhar vigilante do patrão. Alma de escravo tem-na aquele que, apanhando-se a mandar nos outros se fez seu carrasco, pior do que o pior dos patrões.

De tudo isto sofre o operariado. Se trabalha, é porque o vigiam; se aparece a horas, é porque existe um livro de ponto ou um relógio que lhe marca as horas de entrada.

É ou não assim?

Porque motivo não vingam as cooperativas de produção? Por causa da alma de escravos: preferem trabalhar para os outros, a arriscar um pouco de capital, a começar pequeno e progredir. E se lhes emprestam o dinheiro, sentem-se logo capazes de dar com tudo em pantanas!

Por que motivo não prosperam as cooperativas de consumo? Por causa da alma de escravos. Preferem estar sob a dependência do merceiro, da peixeira, da mulher da hortaliça, que os engana ou, pelo menos, lhes arranca do bolso o lucro de intermediários, do que unir esforços, sacrificar-se para dispensar tudo isso, estabilizar os preços, garantir a segurança do seu salário. Dizem bem de quem os adula e os explora. Dizem mal de quem os quer libertar.

(Continua na 2.ª página)

ASPECTOS ACTUAIS DA INSTRUÇÃO

A taxa do analfabetismo em Portugal vai felizmente baixando. A proporção de analfabetos que em 1930 era de 61,8 % da população total, veio para 40 % em 1946. Se a diminuição da percentagem do analfabetismo se mantiver na mesma cadência, deixará de haver analfabetos no último quartel deste século.

É necessário apressar quanto possível este ritmo, que ainda se nos afigura demasiado lento. Sem dúvida tal intento não pode ser alheio aos planos do Governo.

Para se avaliar quanto esforço entretanto será necessário empregar, vamos apresentar aos nossos leitores o actual panorama do ensino primário entre nós, segundo a «Estatística da Educação», volume recentemente publicado pelo Instituto Nacional de Estatística.

No regime escolar actual é obrigatório o ensino, durante três anos apenas. Pelos 10 anos ficam as crianças desobrigadas de frequentar a escola e ficam mesmo impedidas de a frequentar, se nesse ano não obtiverem passagem para a 2.ª classe.

Parece-nos que este período de ensino obrigatório deverá ser elevado para o dobro. O aproveitamento geral não ficará garantido terminando a frequência antes dos 13 anos de idade. Não se trata só do volume de conhecimentos adquiridos, mas também da possibilidade de os mesmos serem convenientemente retidos.

Infelizmente, porém, aquele mínimo legal está ainda longe de ter cumprimento rigoroso. Das 486.975 crianças de 7, 8 e 9 anos, vivas em 31 de Dezembro de 1945, não frequentavam a escola 42.155, ou seja, mais de oito e meio por cento.

Mais grave ainda, embora à primeira vista o não pareça, é o diminuto aproveitamento médio dos que a frequentam. Quase 39 % das crianças de hoje, à média do ano de 1946, não

chegam a obter diploma de exame da 3.ª classe. Com efeito, dos 162.325 que deveriam ter feito este exame, apenas nele ficaram aprovados 81.050.

Quanto à 4.ª classe, cuja frequência é livre, apenas 35,5 % dos alunos obtêm o respectivo diploma.

Conquanto se verifique, como atrás se disse, que a taxa do analfabetismo vai baixando, a posição do futuro próximo do ensino é dada também pelos elementos que acabamos de analisar. O nível médio de instrução das

actuais gerações escolares é, como se vê, bastante reduzido ainda.

Os 64,5 % que não fazem exame da 4.ª classe não ficam com certeza preparados para as exigências da vida moderna. A maior parte dos rapazes de 15 anos que só fizeram exame de 3.ª classe não tem um mínimo de conhecimentos necessários para entender uma vulgar notícia publicada em qualquer jornal. A mes-

(Continua na 5.ª página)

«O TRABALHADOR»
É UM CASO
ÚNICO NO MUNDO!

PARA QUE ELE EXISTISSE,
FUNDOU-SE A PRIMEIRA
SOCIEDADE ANÓNIMA
QUE NÃO É CAPITALISTA!

Sim! O nosso jornal é um caso único no mundo. Pelo menos, que nós sabemos, não existe nada de igual ao nosso caso.

Por toda a parte, os jornais operários são fundados por organizações existentes, e são propriedade delas. Por exemplo, Sindicatos, associações operárias, partidos políticos, ou então qualquer associação cultural ou religiosa.

«O Trabalhador» não é nada disto. É um jornal que pertence a uma sociedade anónima, cujos accionistas são operários e empregados. Como já se anunciou no primeiro número, são mil e trezentos os accionistas da Sociedade Editorial «O Trabalhador». (S. E. T.), sociedade anónima que se organizou para editar este jornal. E este número vai aumentar pouco a pouco, segundo o desejo manifestado por muitos operários que também querem ser donos, proprietários de «O Trabalhador».

Proprietários e orientadores! O Director do jornal foi eleito em Assembleia Geral da Sociedade, como foi eleita a sua Direcção ou Conselho de Administração. A mesma Assembleia Geral, constituída pelos accionistas, pode-os substituir por outros, se não estiverem contentes com eles.

Existe alguma coisa de semelhante no mundo? Que nós sabemos, não! Nem existe sequer nada de semelhante quanto a independência. É que muitos dos jornais operários servem, acima de tudo, um partido, uma facção. E

(Continua na 6.ª página)

(Continua na 5.ª página)

QUESTÕES ECONÓMICAS

Quanto custa a vida

A Assembleia Nacional discutiu com calor o problema do custo da vida. Segundo uma corrente de opinião, representada pelo Prof. Doutor Pacheco de Aguiar, o custo da vida não se moveu para baixo, apesar dos esforços do Sr. Ministro da Economia. E não se moveu para baixo, porque os meios usados — a propaganda, a fiscalização e o tabelamento — eram impotentes para produzir tal resultado.

Segundo outra corrente de opinião, a que serviu de porta-voz o advogado Dr. Bustorf Silva, o custo da vida desceu muito: tudo o que descera as cotações do «mercado negro».

É um facto que o «mercado negro» desapareceu praticamente. E é um facto também que as donas de casa não têm hoje de sofrer as preocupações e os trabalhos que até há um ano custava o arranjo dos géneros necessários para a alimentação daqueles que estão sob os seus cuidados.

O segundo destes factos aproveitou a toda a população e acabou com uma das principais causas do nervosismo nacional. Encontrando géneros e encontrando-os fora do «mercado negro» e fora do favoritismo dos merceiros, o povo teve uma imensa sensação de alívio. Até lhe pareceu que o custo da vida baixava. E na verdade baixou, mas num sentido não económico.

Quanto ao «mercado negro», acabar com ele teve a vantagem de acabar com as manobras de uma categoria de pessoas extremamente odiosas. Foram as classes abastadas, que a ele mais recorriam, quem mais lucrava com o seu termo ou redução. Azeite a 35\$00 o litro, açúcar a 20\$00 o quilo, arroz a 12\$00 o quilo, etc., não eram coisas acessíveis ao povo. O ódio geral contra o «mercado negro» vinha não propriamente dos seus altos preços, mas de se verificar que era um regime de excepção para a gente endinheirada, que permitia a esta viver sem faltas, enquanto o povo sofria.

De modo que todas as donas de casa ricas estão de acordo em que, — em que o mercado de géneros alimentares está abastecido; as donas de casas ricas estão de acordo em que, para elas, desceu o custo da vida.

Será, porém, geral o acordo das donas de casa — ricas, pobres ou remediadas — quanto à descida dos preços?

No mercado normal, não houve descida efectiva de preços. As baixas de uns foram anuladas pela subida de outros. Assim: desceu a batata, mas subiu o pão; desceu o petróleo, mas subiu o bacalhau; embarateceram ligeiramente os algodões, mas encareceu o calçado. Por outro lado, há produtos que nem por nada se moveram para baixo no preço senão piorando na qualidade. É o caso das fazendas, das rendas de casa, do peixe, etc.

É isto que nos explica que a diferença entre os índices do custo da

vida de Setembro de 1946 e Setembro de 1947 seja apenas de 6,7 pontos (3,1 %).

O índice do custo da vida costuma subir em Outubro e Abril, e descer de Maio a Setembro. O primeiro é o ciclo do consumo; o segundo, o ciclo da produção agrícola. Daí a diferença dos preços entre Setembro de 1947 e Setembro de 1946 ser praticamente nula, sendo certo que entre Fevereiro e Setembro de 1947 ela é de 19,5 pontos. O erro dos que afirmam a baixa está em compararem as tabelas negreiras de Fevereiro com as tabelas oficiais de Setembro, comparação que não pode fazer-se porque a situação do mercado em Janeiro é inteiramente diversa da que tem em Setembro.

1000\$00 - ordenado
do paizinho
240\$00 - abono de família
para mim e
meus três irmãos
1240\$00 / 6
040 206\$66
40 para cada
40 um de nós

O SALÁRIO FAMILIAR
É A GARANTIA DO FUTURO
DA NAÇÃO. SE QUEREMOS
PORTUGUESES SAOS, CUIDEMOS
DOS FILHOS DOS OPERÁRIOS,
FUTUROS CRIADOS,
RES DA RIQUEZA NACIONAL.



CISÃO ENTRE ORGANIZAÇÕES DE TRABALHADORES

As «greves estratégicas» que rebentaram em França nos fins de Novembro...

Atlanico, quanto mais não fosse como espirito de auxiliar, na Europa, um baluarte trabalhador anti-comunista...

SE NÓS NÃO LUTARMOS...

Por CARLOS BRANCO

Neste canto onde durante algum tempo, pelo menos assim o espero, trataremos das questões mais relacionadas com a realidade humana...

dições tão pouco higiénicas como as que se vêm encontrar no lar. Ou, então, saberá o autor daquele artigo sobre a nova estrutura das empresas onde capitalistas, gerentes e empregados compartilham dos lucros e da direcção...

ESTAMOS TODOS RICOS!...

Uma publicação informativa, de carácter oficial, publica no seu número de 3 de Janeiro a seguinte informação: «Em 1946 o nosso País exportou 813.000 contos de cortiças, 746.000 contos de vinhos e 581.000 contos de conservas...»

A defesa do salário DOS TRABALHADORES

O nível de vida da maioria dos operários e empregados portugueses é, sem contestação possível, baixo; desnecessário se torna documentar a afirmativa, bastando citar, em abono desta nossa observação, a média geral dos salários que não ultrapassam...

A casa de penhores ainda é um recurso, bem precário, é certo, mas um recurso. O caso muda de figura quando o não há nada para penhorar ou quando o penhorista de tal maneira avilta o valor dos objectos penhoráveis que nem merece a pena deixá-los.

A necessidade leva o aceitante a desvarios que a anormalidade das circunstâncias explicam e impõem. Daí resulta que a tábua de salvação que se julgou encontrar se converte afinal numa espada suspensa sobre a cabeça da pobre vítima que mais e mais se enleia na complicada trama urdida — sabidamente urdida — em torno dele pelo usurário.

As reivindicações justas terão também em «O Trabalhador» o seu lugar, mas não se esqueça que elas não podem substituir o esforço pessoal. As reivindicações, quando atendidas, podem pôr-nos em condições de termos gosto na modelação das nossas próprias vidas, mas ninguém as poderá modelar por nós.

ORUM A DESENVOLVIMENTO SOLIDARIO

Como remediar este estado de coisas? O primeiro e decisivo remédio seria estabelecer o salário familiar que esteja em concordância com as necessidades vitais de cada um e permitisse ao operário constituir um «pe de meia» para enfrentar qualquer contingência.

S.E.T. — SOCIEDADE EDITORIAL «O TRABALHADOR»

«O TRABALHADOR» é um caso único no Mundo (Continuação da 1.ª página) são obrigados a manobrar segundo os interesses da política do partido, ou segundo os interesses duma corrente de opinião. Quantas vezes os verdadeiros interesses dos trabalhadores ficam de lado!

«O TRABALHADOR» é um caso único no Mundo

«O TRABALHADOR» é um caso único no Mundo (Continuação da 1.ª página) Como remediar este estado de coisas? O primeiro e decisivo remédio seria estabelecer o salário familiar que esteja em concordância com as necessidades vitais de cada um...

ASPECTOS ACTUAIS DA INSTRUÇÃO

É claro, tanto de um lado como de outro há países e Partidos, ou agrupamentos políticos, com descentes por lhes ter caído em sorte pertencerem ao bloco a que de facto pertencem. Por exemplo, por motivos históricos e simpatias políticas ou ideológicas, a Finlândia, a Polónia, a Checoslováquia, a Hungria, etc., sentiram-se, de modo geral, muito mais satisfeitos do outro lado, ao passo que por motivos semelhantes, por conveniências materiais ou por paixões de ordem social, há em França, na Itália, nas três zonas ocidentais da Alemanha ocupada, no Norte de África, em certas Repúblicas sul-americanas, e noutros países, correntes muito fortes e em extremo activas a favor da Rússia Soviética.

ELEIÇÕES SINDICAIS

Vão realizar-se este ano eleições sindicais. Por um recente despacho do Subsecretário das Corporações, são admitidas listas de oposição às que apresentarem as direcções cessantes, desde que estas sejam apresentadas por dez por cento dos sócios no uso das suas direções, não sendo nunca preciso, contudo, mais de cem assinaturas a subscrever a lista de oposição.



Os Cobradores

ESSA PROFISSÃO DESCONHECIDA...

— Dois recibos num mês, não acha muito? Ainda há três ou quatro dias paguei um e volta agora outro?
 — Lá que é muito, será; mas compreende que não é nossa a culpa. Não é por vontade nossa que fazemos esta cobrança, mas a Companhia quer acertar as contas...
 — Pois seja; tome lá o dinheiro e dê-me o troco.

Isto é o retalho duma conversa que tivemos por causa de termos sido obrigados, pelo Natal, a pagar um recibo inesperado da electricidade.
 Reconsiderámos e veio-nos à ideia trazer até às colunas de «O Trabalhador» — para o inquérito que realiza às necessidades, aspirações e reivindicações sociais das diversas classes de trabalhadores — a situação dos cobradores que, diga-se, não é desafogada, nem coisa que se pareça.

As principais convenções de trabalho foram celebradas com os Armazenistas de Merceria e com os Industriais de Cerâmica. Enquanto os vencimentos mínimos pagos pelos segundos são de 1.600\$00, os fixados pelos primeiros não vão além de 1.100\$00.

Bem entendido que estes vencimentos estão longe de satisfazer plenamente os interessados; mas são um avanço — dizem eles.

Mas, para a melhoria que tiveram lhes ajudar, põe-se avaliar o nível baixo dos ordenados anteriores.

A disparidade dos vencimentos mínimos que se observa nestes dois sectores que apontámos — dos Armazenistas e da Cerâmica — mais avulta, se citarmos o que, por exemplo, paga a empresa Pinto Basto — 2.000\$00 — e o que paga a Companhia dos Telefones, com a qual foi assinado um acordo colectivo de trabalho que está longe de agrandar aos cobradores, até porque as possibilidades da Companhia são muito maiores do que as de qualquer empresa particular.

Por esse acordo — no qual, por motivos especiais, que não vêm ao caso, se pretendeu estabelecer a equiparação com os C. T. T. — auferem os cobradores cerca de 1.300\$00 (800 escudos e mais a percentagem por cada recibo).

Para o trabalho que têm e para as horas extraordinárias a que são obrigados, a fim de darem conta do recado, é inequivocamente muito pouco.
 A Companhia das Águas — honra lhe seja — é, segundo o nosso cobrador habitual, a que melhor compreende as aspirações dos seus funcionários: Melhores condições de trabalho e remuneração em parte razoável, ao ponto de ter sido prestada ao administrador-delegado uma significativa homenagem.

A classe não é tão pequena como à primeira vista poderia parecer. Há em Lisboa cerca de mil e trezentos cobradores.
 Em 1942, segundo informação que gentilmente nos forneceu o presidente do Sindicato, sr. Armando Gouveia Pinto, a situação associativa tornara-se insustentável e até ilegal, porquanto o número de sócios mal atingia o número de 100; houve primeiramente necessidade de engrossar esse quantitativo, o mais possível; e assim, em relativo espaço de tempo, de 100 os cobradores passaram a 500, e hoje, como acima dizemos, andam à roda dos 1.300.

Horário de trabalho NAS PADARIAS

Quando escrevemos sobre as condições de trabalho nas padarias, estávamos longe de imaginar que o horário de trabalho seria objecto de um despacho do sr. Subsecretário das Corporações.

Os jornais de terça-feira, 20 do corrente, deram-nos, com efeito, a agradável notícia de ter sido nomeada uma comissão para estudar o assunto.

Damos com alegria a notícia, que prova o bem fundado da intervenção de «O Trabalhador».

lho a que são obrigados, sem que por isso recebam compensação condigna.

Pormenorizemos os resultados dos nossos inquéritos.

A situação dos cobradores de algumas empresas regula-se por convenções de trabalho que bem podiam considerar-se de emergência, ou por outra, que como tal deviam considerar-se, mas que a bem dizer se tornaram definitivas.

Há problemas na organização sindical para os quais os dirigentes têm de olhar com mais atenção, do que para este, porque esses, sim, representam verdadeira reivindicação social.

Existem na classe dos cobradores para a associação de classe, estabilidade que, em nosso entender, pouco ou nada representa de benefício para qualquer classe de trabalhadores, se for tomada — como muitas vezes é — como objectivo dos princípios a atingir.

Existem na classe dos cobradores para a associação de classe, estabilidade que, em nosso entender, pouco ou nada representa de benefício para qualquer classe de trabalhadores, se for tomada — como muitas vezes é — como objectivo dos princípios a atingir.

Existem na classe dos cobradores para a associação de classe, estabilidade que, em nosso entender, pouco ou nada representa de benefício para qualquer classe de trabalhadores, se for tomada — como muitas vezes é — como objectivo dos princípios a atingir.

Existem na classe dos cobradores para a associação de classe, estabilidade que, em nosso entender, pouco ou nada representa de benefício para qualquer classe de trabalhadores, se for tomada — como muitas vezes é — como objectivo dos princípios a atingir.

Existem na classe dos cobradores para a associação de classe, estabilidade que, em nosso entender, pouco ou nada representa de benefício para qualquer classe de trabalhadores, se for tomada — como muitas vezes é — como objectivo dos princípios a atingir.

Existem na classe dos cobradores para a associação de classe, estabilidade que, em nosso entender, pouco ou nada representa de benefício para qualquer classe de trabalhadores, se for tomada — como muitas vezes é — como objectivo dos princípios a atingir.

Existem na classe dos cobradores para a associação de classe, estabilidade que, em nosso entender, pouco ou nada representa de benefício para qualquer classe de trabalhadores, se for tomada — como muitas vezes é — como objectivo dos princípios a atingir.

Existem na classe dos cobradores para a associação de classe, estabilidade que, em nosso entender, pouco ou nada representa de benefício para qualquer classe de trabalhadores, se for tomada — como muitas vezes é — como objectivo dos princípios a atingir.

Existem na classe dos cobradores para a associação de classe, estabilidade que, em nosso entender, pouco ou nada representa de benefício para qualquer classe de trabalhadores, se for tomada — como muitas vezes é — como objectivo dos princípios a atingir.

Existem na classe dos cobradores para a associação de classe, estabilidade que, em nosso entender, pouco ou nada representa de benefício para qualquer classe de trabalhadores, se for tomada — como muitas vezes é — como objectivo dos princípios a atingir.

Existem na classe dos cobradores para a associação de classe, estabilidade que, em nosso entender, pouco ou nada representa de benefício para qualquer classe de trabalhadores, se for tomada — como muitas vezes é — como objectivo dos princípios a atingir.

Existem na classe dos cobradores para a associação de classe, estabilidade que, em nosso entender, pouco ou nada representa de benefício para qualquer classe de trabalhadores, se for tomada — como muitas vezes é — como objectivo dos princípios a atingir.

MODOS DE VER

FORUM ABEL VARZIM

Falando há pouco tempo, em lugar de grande responsabilidade, sobre a política de preços do Ministério da Economia, alguém elogiou essa política salientando os seus benefícios efectivos e declarando que com ela se tinha atendido à situação atribulada da classe média.

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

3 meses ...	12\$50
6 meses ...	25\$00
1 ano ...	50\$00

Pagamento adiantado. Como «O Trabalhador» não fará cobrança das suas assinaturas, pelo correio, só enviaremos o jornal a quem nos remeter a importância respectiva em vale do correio ou por qualquer outra forma prática.

No mundo do trabalho

As contas, talvez por serem fáceis de mais, ninguém as quer fazer. Mas elas são bem claras e denunciam uma tremenda injustiça social e uma grande tragédia.

Vamos nós fazê-las. Tome-mos o caso de um empregado com o ordenado mensal líquido de 1.200\$00.

Se for solteiro, tem por pessoa e por dia	40\$00
Casando, tem por pessoa e por dia	20\$00
Com 1 filho, com abono de 80\$00 por cada filho	14\$20
Com 2 filhos	11\$30

diversos problemas pendentes, cuja solução constitui verdadeira aspiração de todos.

Entre eles, contam-se como principais a aprovação do Regulamento da Carteira Profissional, a actualização do despacho de ordenados mínimos, que se encontra já bastante àquem das verdadeiras aspirações da classe e a fixação de uma tabela de percentagens para os cobradores que trabalham à comissão.

A propósito da Carteira Profissional, a sua criação impõe-se, para impedir que certas empresas encarguem os «paquetes» e dum modo geral crianças ou velhos de fazer depósitos nos Bancos, sujeitos a ataques de gatunos ou quaisquer outros percalços, como sejam enganos ou extravios, sempre fáceis em pessoas de pouca experiência.

A Carteira impediria também que as empresas exigissem a esses mesmos «paquetes» fianças que não estão em relação com os ordenados míseros que lhes pagam; por outro lado, evitar-se-ia que fossem utilizados empregados de escritório.

Outros problemas há, de carácter geral e que portanto dizem respeito também aos cobradores.

Em contraste com a situação dessa atribulada classe, apontou o mesmo orador a situação dos operários, cujos vencimentos, segundo ele, têm aumentado proporcionalmente ao aumento dos preços. O mesmo orador declarou ainda que os operários têm sido adulados.

Confessamos que nos é difícil hoje saber onde começa e onde acaba a classe média. Com efeito, muitos daqueles que se diria pertencerem a essa classe pela profissão, vivem como proletários no que diz respeito a dificuldades de vida.

Deixemos, porém, estas considerações e aceitando a distinção entre as classes operária e média pelas suas características principais, vejamos se no conjunto alguma delas terá sido mais favorecida ou se alguma delas terá sido adulada.

A classe média, que vê reduzido a menos de metade o seu poder de compra, não foi realmente adulada, antes se apelon para o seu espírito de sacrifício no cumprimento do dever.

Dizer, porém, que os operários são ou foram adulados parece-nos o maior dos absurdos.

Além disso, o «Poder» não precisa

Assim, o problema da habitação deve ser o que mais os preocupa. Sem lar, não se pode falar em família.

Ao conforto do lar, tão descuidado entre nós, têm de sacrificar-se muitas economias; o pior é se não existem, ou se não há possibilidade, como geralmente sucede, de as acumular.

Outro problema é o da educação dos filhos.

Confidenciá-vamos, há dias, um cobrador:

«— Tenho duas filhas; uma anda a estudar e a outra é mais pequenina. «Se eu de hoje para amanhã morro, que há-de ser de minhas filhas e de minha mulher? Devia haver uma organização que vigiasse de maneira menos precária, mais digna e mais humana pelos órfãos e viúvas. É essa uma das aspirações maiores da nossa vida».

— Lá iremos, — retorquimos nós, plenamente convencidos de que os alicerces do belo edifício social do futuro não-de suportar essas e outras reivindicações.

de adular ninguém e os que o exercem estranharam com certeza a classificação de «aduladores».

Mas será verdade que os salários do operariado aumentaram no ritmo do aumento dos preços? Dizê-lo é desconhecer ou falsear a verdade. Terá havido pequenos agrupamentos profissionais de operários rigorosamente especializados cujos salários assim aumentassem. O número destes é, porém, muito reduzido em comparação com o número global dos operários não especializados e dos especializados da maior parte das empresas e das indústrias.

Por outro lado, era tão pouco o que alguns ganhavam que, mesmo multiplicado por dois ou por três, somaria ainda agora quantias insignificantes. Há milhares de trabalhadores que ganham actualmente menos de 20\$00 por dia.

É certo que, diz muita gente, os operários podem prescindir de certas despesas que são obrigatórias para a classe média. Concordamos, se quiserem, com a injustiça de se julgar que o operário pode dispensar um fato bem feito e limpo, que não tem direito a uma casa tão confortável como a do funcionário público, que a sua mulher deve trabalhar a dias ou vender laranjas, que os seus filhos não precisam de voltar à escola depois da quarta ou da terceira classe. Ainda assim, fica em nada a vantagem daqueles aumentos, porque eles são inefectivamente consumidos na alimentação.

Mesmo os mais favorecidos, não obtiveram desta forma qualquer melhoria no seu nível social.

A maioria, pelo contrário, teve de descer a nível bem inferior ao que antes tinha.

Os operários não foram por conseguinte adulados; eles são hoje como sempre as principais vítimas de todas as crises e de todas as catástrofes.

O NOSSO ARTIGO SOBRE A PANIFICAÇÃO

Entre a numerosa correspondência recebida de todos os pontos do país e traduzindo aprovação e incitamento, foi-nos enviado, de Portalegre, o seguinte telegrama:

«Obrigado pelo artigo sobre panificação. Província pior que Lisboa».